

Deslocamentos, alteridades e experiência enquanto antropóloga e estrangeira em Lisboa

Márcia Calderipe⁸⁸

O convite para participar desta coletânea ocorre após dezessete anos da defesa de minha tese e suscitou o retorno a textos, a anotações de campo e a lembranças muito caras à minha formação, em especial ao período em que realizei o estágio de doutorado no exterior.⁸⁹ Pesquisar além mar, no meu caso, foi ir ao encontro de novas realidades e experiências em Lisboa/Portugal, no período de dezembro de 2003 a agosto de 2004, no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE),⁹⁰ nove meses que foram cruciais para pensar sobre mediações e reciprocidades nas práticas turísticas, tema de minha pesquisa.

Neste texto, abordo a experiência de realizar o estágio de doutorado no exterior e como isso enriqueceu minha formação, na medida em que tive oportunidade de inúmeras vivências — enquanto aluna de uma instituição estrangeira, como antropóloga e como turista. Elenco as contribuições do doutorado sanduíche para a realização da tese a partir de vários aspectos

⁸⁸ Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina e professora associada ao Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Amazonas.

⁸⁹ Agradeço pelo trabalho coletivo do NAVI na construção dos textos desta coletânea, em especial a Carmen Rial, Miriam Grossi, Cornélia Eckert, Caroline de Almeida e Karolina Bielenin-Lenczowska, que comentaram meu texto e fizeram ótimas sugestões, que tentei incorporar na escrita. O resultado, claro, é de minha inteira responsabilidade.

⁹⁰ Atualmente ISCTE — Instituto Universitário de Lisboa, situa-se na Cidade Universitária de Lisboa, na Av. das Forças Armadas, junto à Universidade de Lisboa. Estive sob a orientação do professor Dr. Pedro Prista nesse estágio.

– a imersão em outra cultura; o deslocamento epistemológico no encontro com outras antropologias; uma formação multissituada;⁹¹ a internacionalização na pós-graduação.

A ideia de imersão em outra cultura, no caso de um estágio no exterior, requer uma série de providências para viabilizar a entrada no país. O processo de solicitação de uma bolsa exige um investimento de tempo e atenção que se configura no primeiro desafio para realizar o estágio, incluindo as exigências do programa de pós-graduação, da agência financiadora e do país anfitrião. Na documentação necessária para obter o visto, por exemplo, é necessário indicar um endereço de moradia, o que ainda pode ser mais difícil quando se vai acompanhada pela família.

Incluo também as questões de moradia, transporte, documentação para circular no país, assim como o registro na universidade para ter acesso a bibliotecas, laboratórios,⁹² documentos, o que foi feito na chegada a Portugal. Isso é um aprendizado cotidiano que nos faz lidar com os órgãos públicos e com as pessoas. Para acessar os serviços, obtive informações diretamente nas páginas web do município de Lisboa. Já no caso da universidade, isso foi feito diretamente na secretaria do ISCTE, onde os trâmites, mediados pelo professor Pedro Prista, foram muito rápidos e sem dificuldades.

Como estrangeira, percebi as dificuldades para buscar moradia que me permitisse conhecer a cidade, seu contexto social e também realizar os objetivos do estágio. Para isso, acionei minha rede de relações na universidade e segui os passos de um colega de doutorado que já havia feito o sanduíche na mesma instituição,⁹³ assim como contei com as indicações de

⁹¹ Utilizo essa ideia a partir da categoria de etnografia multissituada de Marcus (1995) que diz respeito à realização da etnografia em múltiplos lugares do globo, seguindo seu objeto de pesquisa.

⁹² Refiro-me ao Laboratório de Informática, que tinha acesso aberto.

⁹³ Para obter o visto como estudante, devia informar o endereço de residência ao Consulado de Portugal, em Curitiba – Paraná. Meu colega de doutorado, Frank Nilton Markon, já havia feito o sanduíche no mesmo local e indicou-me uma família que lhe havia alugado um quarto por intermédio do irmão do senhorio, então aluno no ISCTE. Ele me emprestou um aparelho celular, assim como forneceu várias dicas para a chegada em Lisboa.

uma colega antropóloga portuguesa, residente em Lisboa,⁹⁴ e com o apoio de um técnico administrativo da Universidade de Lisboa, que conheci nas primeiras idas a essa instituição.⁹⁵ Além disso, meu companheiro⁹⁶ esteve comigo nos momentos cruciais de realização do estágio, na experiência de conhecer a vida urbana e acadêmica da cidade e dialogar sobre meu tema de pesquisa. Essas relações e aquelas que foram construídas em diferentes contextos sociais foram fundamentais para viabilizar e realizar o estágio.

Enquanto antropóloga, pude vivenciar a experiência do deslocamento epistemológico proporcionado pelo contato com diferentes tradições antropológicas e literaturas, traduzidas por meio do diálogo com pesquisadores portugueses. Ao cursar disciplinas e ter uma orientação acadêmica em uma pós-graduação no exterior, ampliei o escopo de referências, aportes teóricos e entrei em contato com outras abordagens etnográficas. Essa experiência oportunizou uma formação multissituada no doutorado, enquanto um movimento no espaço e na dupla formação.

Além disso, oportunizou-se pensar, metodologicamente, como os campos realizados estavam conectados entre si, entendendo a pesquisa como a “imersão no universo social e cosmológico do ‘outro’” (Mariza Peirano, 1992). Ao olhar para as práticas turísticas em Lisboa e demais regiões do país, pude compreender melhor meu próprio campo. Essa imersão

⁹⁴ Conheci Maria Manuel Quintela na Universidade Federal de Santa Catarina durante sua pesquisa sobre as termas no Brasil. Ela sugeriu o nome de Pedro Prista como orientador por ser especialista em antropologia do turismo e apoiou-me com sua amizade e cuidados durante o período do estágio.

⁹⁵ João Ribeiro, geógrafo, tornou-se um amigo que apresentou Lisboa e seus arredores e me apoiou em várias questões práticas da universidade e do cotidiano. Apresentou-me à história de seus avós, Orlando Ribeiro (falecido) e Suzanne Daveau, ambos geógrafos da Universidade de Lisboa, e a seu livros, fotografias, relatórios de campo, e levou-me a casa deles em Vale de Lobos, em Almargem do Bispo, na área onde havia morado.

⁹⁶ Dilton Mota Rufino acompanhou-me no estágio, e o incluírei em alguns relatos, especialmente no primeiro item. Sua presença foi fundamental e colaborou sobremaneira com minha estadia em Lisboa.

também incluiu aproximar-me da produção antropológica portuguesa que tem construído várias pontes com a antropologia brasileira.

De igual modo, o estágio me permitiu acesso a novas literaturas sobre práticas turísticas, especialmente as reflexões que meu orientador no exterior já vinha desenvolvendo, o que foi acessado na formação realizada no ISCTE e, de forma especial, por uma experiência de campo em que me conduziu ao sul de Portugal, mostrando-me práticas turísticas oferecidas pela população local, como restaurantes e casas para aluguel.

Cabe também salientar a importância do doutorado sanduíche enquanto política pública de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I), na área de educação, que tem permitido às/aos estudantes brasileiras/os de pós-graduação realizar uma experiência de internacionalização e “estar lá”. Os financiamentos são essenciais para viabilizar as trocas internacionais e, sobretudo, para ampliar o caráter da formação em nível superior/pós-graduação no Brasil.

Casa, pão e vinho: encontros e subjetividades na realização do estágio

O processo de instalação na cidade e a criação das condições para realizar o trabalho levou-me a experiências localizadas em áreas distintas da região metropolitana de Lisboa, o que implicou no convívio com trabalhadoras/es/camadas populares, com camadas médias urbanas não intelectualizadas e com o mundo intelectualizado na universidade, acessando universos sociais distintos.⁹⁷

⁹⁷ Utilizo essa classificação com cautela e levando em conta que, segundo Velho (2013, p. 93), há o risco de cair num “fatalismo sociológico” na definição de classes sociais: “As próprias noções de classe média e trabalhadora são excessivamente vagas e podem escamotear diferenças internas consideráveis como, por exemplo, o tipo de trajetória social ou a natureza da rede de relações sociais (*network*) em que se movem os indivíduos, mais ou menos aberta.”

Nesses diferentes universos, a questão da subjetividade esteve presente nas interações e no trabalho acadêmico, considerando-a, segundo Sherry Ortner (2007, p. 376), como o “conjunto de modos de percepção, afeto, pensamento, desejo, medo e assim por diante, que animam os sujeitos atuantes. Mas eu sempre me refiro, da mesma forma, às formações culturais e sociais que modelam, organizam e provocam aqueles modos de afeto, pensamento etc”. A subjetividade perpassou todos os momentos das interações com as diversas pessoas, bem como na experiência de campo enquanto mulher e, na maioria das vezes, realizando as observações sozinha, o que, no universo urbano, parece trazer uma certa invisibilidade, como destacarei mais adiante.

Estar às margens da cidade foi a primeira experiência de contato com o urbano em Portugal. Eu e meu companheiro alugamos um quarto⁹⁸ na localidade de Camarões, pertencente à Freguesia de Almargem do Bispo, Pero Pinheiro e Montelavar, em Sintra, área metropolitana de Lisboa. Embora pertencente a Sintra, cidade turística, a casa ficava localizada na parte não turística, caracterizada pela presença da população local.

Uma das principais dificuldades era a distância em relação à universidade, pois o trajeto de Camarões a Lisboa levava quase duas horas entre tomar dois “autocarros” para acessar o terminal de Campo Grande, o metrô e se deslocar até a estação Entre Campos ou Cidade Universitária para chegar ao ISCTE. Naquele momento, a infraestrutura dos terminais e a qualidade dos “autocarros” era precária e indicava as condições de vida de moradores/trabalhadores dessas áreas, como Dona Maria e seu Cardoso,⁹⁹ proprietários da casa onde o quarto foi alugado.

⁹⁸ O quarto ficava no andar superior da casa, com direito ao uso de um banheiro social, a conviver com o casal na cozinha e sala, além de trinta garrafas de vinho produzido pela família do senhorio que foram consumidas especialmente no jantar. O aluguel custava 250 euros, mais 30 euros do vinho. Dilton, mais extrovertido do que eu, conseguiu aproximar-se de Seu Cardoso e negociou a aquisição do vinho.

⁹⁹ Uso nomes fictícios para o casal e para a senhoria que citarei mais adiante. Em relação às demais pessoas citadas, utilizo seus próprios nomes.

Seu Cardoso era mestre de obras e construiu sua casa de dois andares, grande para um casal, mas motivo de muito orgulho para a família. A casa, segundo ele, foi erguida com materiais de qualidade, mas o imóvel não estava legalizado devido aos altos custos exigidos, o que impossibilitou o acesso à água encanada e energia elétrica. Então, um vizinho fornecia energia elétrica, e Seu Cardoso carregava água para abastecer a casa em uma caixa de mil litros na “carrinha”¹⁰⁰ da empresa em que trabalhava. Isso fazia com que a economia de água fosse uma regra importante a ser seguida, o que descobri ao longo da estadia.

Nossos banhos, por exemplo, eram exagerados em tempo e gasto de água, embora achássemos que não, comparado aos banhos no Brasil. Tínhamos que usar uma banheira, o que fazia a água esfriar rapidamente, e também não estávamos habituados ao tipo de chuveiro pequeno e não fixo. Esses estranhamentos com o banho e os equipamentos foram amplamente descritos por Carmen Rial e Miriam Grossi (2000) quando abordaram os “velhos e pequenos espaços” que servem de moradia para estudantes e pessoas de baixa renda em Paris. Ao fazer uma etnografia da intimidade nesses espaços, mostram o quanto brasileiras/os sentem-se desconfortáveis e constrangidos com o uso coletivo de banheiros e sua precariedade. Para as autoras, os diferentes modos de representar o banho podem ser associados às ideias de Marcel Mauss sobre sociedades de imersão e de água corrente, pois, enquanto os franceses valorizam o banho por imersão e assim também os portugueses, os brasileiros preferem deixar a água passar pelo corpo para sentirem-se limpos.

A situação da casa nos deixou chocados, pois não se encaixava no imaginário sobre um país europeu, mesmo com as precariedades de Portugal. A verdade é que o casal levava uma vida bastante modesta. Dona Maria estava aposentada depois de ter trabalhado como proprietária de um café. Sua idade permitia que circulasse de ônibus sem custo, e viajava longas distâncias para comprar suas comidas preferidas e ofertas em mercados. Tinha

¹⁰⁰ Veículo com a traseira aberta, menor do que um caminhão.

um freezer com muitos alimentos estocados e eram bastante controlados nas quantidades de comidas.¹⁰¹

A experiência de vida do casal enquanto trabalhadores tinha proximidade com as condições de nossas próprias famílias no Brasil, por isso penso que havia uma certa tolerância com as precariedades e um sentimento de satisfação por ter conhecido essa região do entorno de Lisboa. Entretanto, depois de dois meses, avalei que morar em uma área tão distante estava dificultando a realização das atividades e resolvi buscar um lugar em Lisboa.

Anunciar para o casal que deixaríamos sua casa foi difícil e trouxe um sentimento de tristeza, pois havíamos estabelecido uma boa relação com eles e pareciam felizes com nossa presença, inclusive prepararam uma ceia de Natal tradicional para sabermos como comemoravam essa data, o que foi realmente especial. Tanto quanto estávamos curiosos a respeito deles, também estavam a nosso respeito, e isso se traduzia em conversas e risadas animadas e um senso de cuidado que ambos dispensavam a nós.

Estar em uma região próxima ao centro de Lisboa supostamente nos distanciaria de situações de maior precariedade, como os “autocarros” lotados e um tanto sucateados que faziam a ligação entre as cidades da área metropolitana. Entretanto, ao alugar um quarto em um apartamento na Avenida do Brasil, via que levava ao Aeroporto de Lisboa, nos deparamos com uma situação de saúde pública não resolvida pelo município.¹⁰² Isabel era uma mulher na faixa etária de 60 anos que vivia sozinha e alugava quartos para estudantes. De início, essa situação causou-me espanto devido ao

¹⁰¹ Para mim e meu companheiro, vários tipos de comidas e bebidas eram novidade, como frutos do mar, enlatados, cervejas, queijos, presuntos de parma, pães e vinhos regionais, e comprávamos para experimentar. Dona Maria não conseguia conter a curiosidade e nos acompanhava na cozinha para ver as compras. Muitas vezes, ficava boquiaberta e dizia que não íamos conseguir nada na vida porque esbanjávamos muito.

¹⁰² A senhoria, Isabel (nome fictício), cuidava e dava abrigo a pombos na área de serviço do apartamento. A prefeitura de Lisboa conhecia a situação, mas como os animais estavam no espaço privado, não podiam interferir e retirá-los de lá.

risco à saúde para as/os moradores do prédio que conviviam com a circulação dos animais na área externa, e mesmo para ela.

O imóvel apresentava um certo *glamour* de décadas anteriores devido ao seu tamanho, aos móveis de qualidade, ao aquecimento em todos os cômodos, ao próprio estilo de vida. Isabel se dizia pertencente a uma camada média urbana, proprietária de bens, com um posicionamento político conservador e bem relacionada na cidade. Gostava de frequentar dançeterias na noite de Lisboa, receber amigos em casa, hospedar estudantes. Conviver com ela foi uma oportunidade de conhecer por dentro um pouco da vida urbana em Lisboa.

Havia outra situação curiosa relatada por Isabel em relação ao entorno do local, pois construíram um condomínio para ciganos na rua ao lado do prédio e, segundo ela, faziam muito barulho, fogueiras na parte externa, seguidamente tinham conflitos que podiam ser ouvidos do apartamento. Algumas vezes, ao sair ou chegar ao prédio, pude observar pequenos grupos reunidos e o burburinho das falas. Ela achava absurdo ter sido construído um condomínio para os ciganos quando seu estilo de vida era nômade, o que acarretaria problemas para a cidade. Além disso, afirmava que a presença deles desqualificava seu próprio local de moradia por entender que não eram bem-vindos em uma área central, seu lugar deveria ser na periferia.

Mesmo com as dificuldades de moradia,¹⁰³ a mudança para Lisboa foi muito importante, pois passei a fazer o percurso a pé até a Cidade Universitária e facilmente transitar pela cidade. O sistema de transporte (ônibus, metrô e bondes elétricos) era acessado pelo pagamento de uma mensalidade única, sem limite de viagens, bastando estar com a carteira atualizada. Se quisesse, poderia pagar um valor maior e utilizar também o sistema hidroviário que ligava Lisboa ao outro lado do rio Tejo. No início foi difícil

¹⁰³ Identifico-me com os relatos de Rial e Grossi (2000) sobre as/os estudantes em Paris que alugavam lugares insalubres devidos aos altos custos de um apartamento ou casa em boas condições. No meu caso, alugar apenas um quarto fazia com que os recursos da bolsa pudessem ser utilizados para viagens, para uma alimentação de maior qualidade etc.

entender como funcionava esse sistema, já que no Brasil pagamos por viagens, e cada tipo de transporte tem seu custo.

Passei a ter maior tempo para frequentar o Instituto, realizando as atividades do estágio, bem como circular por Lisboa, inclusive à noite, o que era quase impraticável antes. Pude acessar o circuito de eventos culturais e frequentar a rede pública municipal de Bibliotecas de Lisboa (BLX), a Cinemateca Portuguesa e os cinemas municipais¹⁰⁴ e privados, assim como acompanhar eventos nas universidades.

Havia também outras facilidades, como o acesso a supermercados no bairro, a mercados tradicionais, a cafés, a restaurantes e a tantos outros serviços rapidamente disponíveis. Além disso, distando duas quadras do apartamento, situava-se o Jardim do Campo Grande, uma área verde urbana com jardins, trilhas, um pequeno lago onde costumava caminhar.

Como antropóloga/estrangeira, ampliei meus conhecimentos a partir da vivência cotidiana desses distintos modos de se fazer cidade, outros circuitos de trocas e afetos a partir da experiência de morar na área metropolitana ou na própria cidade. Na região metropolitana, pude experimentar viver em uma cidade menos populosa, com características rurais, áreas abertas, uma vila que concentrava o único café, vizinhos que se conheciam, uma distância relativa de um grande centro. Assim como entrava em contato com as/os trabalhadoras/es e as/os estudantes que utilizavam os ônibus e metrô diariamente.

Já na cidade de Lisboa, pude vislumbrar a complexidade e diversidade de uma metrópole contemporânea, caracterizada por seu caráter plural e produzido socialmente, onde passei a conviver com diferentes camadas médias¹⁰⁵ na ideia de que “A cidade, essa coisa passional, é assim tratada como objeto pluridimensional e plurifactual, conjunto de territórios de

¹⁰⁴ Frequentei o Cinema São Jorge, localizado na Avenida da Liberdade.

¹⁰⁵ Minhas relações com camadas médias intelectualizadas foram mais restritas, talvez por sua característica mais individualista em termos de valores e estilo de vida, como observa Velho (1999).

relações sociais, interrelacionados, apropriados e localizados socialmente” (Luís Vicente Baptista, 2003, p.35).

Vivências acadêmicas, internacionalização e deslocamento epistemológico em relação às teorias sobre turismo

A opção por um país de língua portuguesa e já bastante conhecido e frequentado por brasileiras/os não me tornou menos estrangeira, considerando os estereótipos e conflitos construídos nas relações entre brasileiras/os e portuguesas/es ao longo da história de ambos. Também pude experimentar, a partir da convivência nos vários espaços e situações, as diferenças em relação à língua portuguesa, a dificuldade inicial de comunicar-me com as pessoas, reconhecendo que na relação linguística havia tanto familiaridade quanto distanciamento; a adaptação à etiqueta local e minhas próprias inquietações quanto a ser vista como uma imigrante/estudante e antropóloga. Ao longo do estágio, esses dois papéis ou posições foram acionados no fazer antropológico.

Ao tratar sobre internacionalização da antropologia brasileira, Rial (2017) observa que a formação no exterior, antes realizada principalmente no mestrado e doutorado, passou a incluir, nos anos recentes, estágios sanduíches e pós-doutoramentos, um reflexo da consolidação da pós-graduação no país e de políticas de incentivo por parte das agências financiadoras.¹⁰⁶

A internacionalização nos cursos de pós-graduação acontece, como observa a autora, pela “migração de pessoas e de coisas, de antropólogos e de seus escritos. Pessoas se deslocam para outros países para completar sua formação, em missões de trabalho, de convênios, para lecionar, fazer campo” (Rial, 2017, p. 27). Nesse contexto, realizar o estágio implicou vincular-se a uma instituição e a um orientador, cursar disciplinas que contribuissem para a pesquisa e seu referencial teórico, além de buscar um local

¹⁰⁶ No meu caso, contei com uma bolsa do CNPq que cobriu os nove meses de estágio, além das passagens e seguro saúde.

de moradia e viabilizar o acesso a conta bancária, transporte público, entre outros acessos imprescindíveis para fazer parte da vida acadêmica, econômica e social do país (Rial, 2017).

No ISCTE, tive oportunidade de vivenciar formas de internacionalização da antropologia portuguesa pela participação em eventos¹⁰⁷ nos quais houve tanto a presença de pesquisadores estrangeiros quanto de antropólogos portugueses que pesquisaram no exterior. Especialmente o primeiro evento, teve como língua principal o inglês e, diferente das situações que vivenciamos no Brasil, não havia tradução simultânea¹⁰⁸.

O que aconteceu nesse evento me parece corroborar o que Graça Índias Cordeiro (Heitor Frúgoli Junior, 2014) observa em uma entrevista recente. Segundo ela, na sua geração, todos liam francês e inglês, além do castelhano, o que considera que foi favorável para sua formação. Ressalta que evitavam o português do Brasil devido a possíveis traduções malfeitas ou talvez por preconceito de ler em uma variante da língua portuguesa, preferindo os textos originais.

Nesse sentido, é possível associar essa questão ao que Rial (2017) observa sobre a língua como uma barreira na circulação das coisas e também para a circulação de pessoas. Optei por fazer o sanduíche em um país de língua portuguesa para que tivesse uma comunicação mais efetiva na universidade, assim como entre as pessoas que observei em campo. O que percebi foi que a antropologia portuguesa, assim como outras antropologias europeias, já está engajada em uma perspectiva mais internacionalizada, desde a formação até a realização de pesquisas no exterior.

Além disso, a frequência ao ISCTE me propiciou o contato com o universo da pós-graduação nas instituições públicas de Lisboa. Isso incluiu inúmeros estudantes do exterior, especialmente dos países africanos de língua

¹⁰⁷ Cito o colóquio *The Politics of Folk Culture: Reflections from the Lusophone World* e “Produção cultural e transformação da cidade: Perspectivas transdisciplinares”, que tiveram abrangência internacional naquele período.

¹⁰⁸ No ISCTE há vários cursos de pós-graduação que são oferecidos em língua inglesa como parte de cooperações e convênios.

portuguesa, como Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, estudantes que frequentavam diariamente os laboratórios e a biblioteca do Instituto. Com o passar dos meses, acompanhei as histórias de algumas/alguns delas/es e nos apoiamos com conversas e dicas em relação à pós-graduação.

As expectativas em relação ao estágio de doutorado foram alcançadas com o acesso a novas bibliografias das Ciências Sociais por meio das disciplinas cursadas e dos materiais disponíveis na biblioteca do Instituto e noutras instituições de pesquisa, especialmente na Universidade de Lisboa. Na cidade universitária, havia um mundo a descobrir, e a infraestrutura do local facilitava esse processo, dada a proximidade entre o ISCTE e a Universidade de Lisboa, ambos situados de forma contígua e possíveis de serem acessados rapidamente.

Nessas instituições, assim como na Universidade Nova de Lisboa, pude consultar a bibliografia sobre turismo, na área de Ciências Humanas. As referências bibliográficas que minha orientadora no Brasil, Carmen Rial, havia indicado, bem como aquelas das disciplinas Espaço e Turismo e Antropologia do Turismo ministradas por meu orientador no exterior, Pedro Prista, cujo material gentilmente me disponibilizou logo que cheguei ao Instituto, também foram de extrema importância no sentido de organizar e analisar os dados de campo sobre Florianópolis. Especialmente ao acompanhar as disciplinas citadas, pude pensar sobre o que havia observado no Brasil e também apresentar minha pesquisa de doutorado.¹⁰⁹ Rever os materiais de campo durante as disciplinas cursadas e realizar a leitura das novas bibliografias me preparou para iniciar as incursões a campo durante o estágio, como vou detalhar a seguir.

Ao lado de autoras e autores de maior relevância para minha pesquisa, fui acrescentando outros materiais por meio de levantamento presencial ou *on-line* da produção sobre turismo em Portugal, especialmente nas

¹⁰⁹ Nessa apresentação pude contar com a presença de Carmen Rial, que estava a trabalhar em Portugal. Foi uma oportunidade interessante de encontro e diálogo entre Antropologias.

instituições que ofereciam cursos de pós-graduação nessa área.¹¹⁰ Também fiz visitas a instituições como a Universidade de Aveiro e a Universidade de Évora, que oferecem cursos de graduação em Turismo. Assim como no Brasil, esses cursos são voltados para a gestão turística, oferecendo pouco material na área de Antropologia.

Para analisar meus dados de pesquisa, foi importante considerar a posição crítica de Pedro Prista em relação ao tema turismo nos estudos urbanos, em especial nas Ciências Sociais. Segundo ele, o turismo tem sido tomado como um objeto teórico quando se trata de um objeto empírico, e somente a observação das práticas sociais e seu desvendamento pela etnografia permitem identificar e refletir a respeito do que está presente nesse fenômeno (Márcia Calderipe, 2001). Trata-se de observar suas formas de manifestação em uma dada sociedade, percebendo qual é o significado que lhes dão os grupos envolvidos.

Como observei em minha tese, a partir das contribuições de Prista (Calderipe, 2001), o fato de os turistas serem presença comum nas cidades contemporâneas e desaparecerem em meio a todos os demais sujeitos, além de realizarem uma circulação transitória e passageira, teria impedido uma atenção maior ao tema. Ao lado do interesse tardio pelo turismo e pelos turistas, tanto em Portugal como no Brasil, haveria também limitações conceituais na análise do turismo.

Além disso, o diálogo com o orientador do estágio, que já vinha pensando nos processos de mediação a partir dos sujeitos que atuam na oferta de serviços — motoristas de táxi, atendentes de postos, guias, proprietários de casa e pousadas e pessoas envolvidas nas práticas turísticas — presentes em locais públicos e privados na cidade, foi ao encontro do que havia observado em Florianópolis, tornando-se uma das referências significativas para minha tese.

Em Florianópolis, especialmente na região norte da Ilha, observei que os mediadores culturais aprenderam, em décadas de contato e trocas com

¹¹⁰ Ver Pereiro e Fernandes (2015) sobre estudos de antropologia e turismo em Portugal.

os turistas, formas de recebê-los e de oferecer os serviços, transitando entre categorias sociais e níveis culturais diferentes (Calderipe, 2001). Como afirmo na tese:

O estudo da mediação cultural, portanto, desloca o foco da investigação da relação hospedeiro/visitante para o processo de tradução cultural que se manifesta por meio de relações transversais e descentradas (MONTERO, 2000). Além disso, a relação entre os mediadores culturais e os “turistas” aponta para uma prática que foge a simples intermediação de serviços para estabelecer uma troca de afetos, idéias e diferentes experiências culturais, ou seja, o atendimento dos mediadores passa por diversos interesses – desde o econômico até o desejo de estabelecer uma relação amigável. O conflito é também um elemento continuamente presente nessas relações mediadas pelo sistema da dádiva. (Calderipe, 2001, p. 18)

Conforme as considerações de Prista (1995), o que observei em campo corrobora a ideia de que o turismo é uma prática que se faz a partir do encontro entre o turista e a população local, ou seja, é produto de uma relação localizada, o que foi fundamental para desconstruir a perspectiva dicotômica e simplista de que tais práticas acontecem entre visitantes e destinos.

Entre as pesquisas orientadas por Prista, Quintela (1999) também segue essa linha de reflexão ao observar que não existe turismo, mas práticas turísticas, já que podem expressar-se das mais variadas formas em terrenos diversos. Também Alexandra Baixinho (2008) afirma que o turista não deve ser o foco de uma investigação antropológica, mas, sim, as relações e processos construídos por meio do turismo. Para essa autora, é necessário fazer um estudo empírico, olhando o fenômeno turístico de perto, para perceber suas múltiplas vozes e as diferentes escalas em que ocorre.

O trânsito entre diferentes antropologias propiciou o alargamento da visão a respeito dos referenciais teóricos que foram sendo acumulados ao longo do curso de doutorado, levando-me ao estranhamento daquilo que parecia familiar. O jogo entre aproximação e distanciamento

foi fundamental para um exercício reflexivo sobre as perspectivas teórico-metodológicas das Ciências Sociais nos estudos sobre turismo, como observarei no próximo item.

Cidades e destinos turísticos como campo de pesquisa

Enquanto estrangeira/estudante, tentei colocar-me no lugar da/o outra/o, em uma experiência de trânsito entre diferentes lugares e posicionamentos. Poderia pensar a ideia de alteridade, tão fundamental nas reflexões antropológicas, sob vários ângulos – desde a relação com os portugueses, na relação com os brasileiros que encontrava, bem como na relação com os turistas de várias nacionalidades que observei em campo.

As relações mais intensas foram com as/os portugueses, considerando as questões de moradia, o universo acadêmico e as amizades. Mesmo sabendo sobre o elevado número de brasileiras e brasileiros que havia em Portugal, não tive maiores contatos, a não ser esporadicamente com alunas/o brasileiras/os no ISCTE e um casal de amigos de Santa Catarina que havia migrado havia alguns anos.¹¹¹ Já em relação aos turistas, fiquei surpresa especialmente com as/os ingleses, que tomaram a cidade durante a Eurocopa de 2004, em Lisboa, a maioria jovens e homens.

Na região do Algarve, tive um contato rápido também com turistas ingleses, incluindo famílias que observei em Albufeira e Faro. Em uma avenida central de Albufeira¹¹², causou-me estranhamento os vários anúncios em língua inglesa e muita iluminação mas lojas e restaurantes, situação curiosa que associei as/aos turistas argentinas/os no norte da ilha de Florianópolis, para os quais os anúncios e informações nas ruas e restaurantes eram apresentados em espanhol.

¹¹¹ Chamados Alexandre Garcia e Patrícia Napoleão, naturais de Tubarão, em Santa Catarina, conhecidos de meu companheiro. Eles estavam trabalhando em Portugal no setor de serviços e comércio e moravam em Leiria.

¹¹² Avenida Francisco Sá Carneiro

O exercício de olhar o outro para ver a si mesmo foi o foco central do campo que realizei na tentativa de alcançar o que Claudia Fonseca (1999, p.65) observa:

Paradoxalmente, é nessa ambição de mergulhar em situações estranhas que o etnógrafo tem maior esperança de conhecer seu próprio universo simbólico. Ao reconhecer que existem outros “territórios”, ele enxerga com maior nitidez os contornos e limites históricos de seus próprios valores. Descentrando o foco de pesquisa dele para o outro, ele realiza *le détour par le voyage* – e só assim, completando o processo com a volta para a casa, alcança a reflexividade almejada.

Dessa forma, em termos metodológicos, o jogo entre aproximação e distanciamento do campo de pesquisa deu-se pelo deslocamento geográfico, mas também pela possibilidade de observar outras experiências reconhecidas como turísticas. Nesse sentido, busquei realizar o que Colette Petonnet (2008, p. 102) define como observação flutuante que “consiste em permanecer vago e disponível em toda a circunstância, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la ‘flutuar’ de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem *a priori*, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes”.

Ao pensar sobre Antropologia e turismo, Patrícia Ramiro (2019, p. 10) observa que:

[...] cabe aos antropólogos, dentro da premissa da prática antropológica que traz à tona aquilo que está latente na cultura, interpretar os diferentes formatos de contatos que são acionados pelo encontro entre turistas e população local (voluntária ou involuntariamente). Para tanto, há que se refletir sobre as metodologias mais adequadas para esse contexto, seus limites, potencialidades e questões éticas envolvidas na pesquisa antropológica.

Nesse fazer antropológico, considerei que a visão, como observam Fleischer e Bonetti (2010) ao discutirem sobre os riscos do trabalho de campo, não deve ser o sentido prioritário, mas, sim, “nossa totalidade sensorial” enquanto sujeitos que têm seus próprios limites frente aos descompassos, problemas, situações inusitadas que podemos viver em campo.

Colocar-se no campo com todos os sentidos também é uma discussão cara à literatura sobre turismo. No livro clássico *O olhar do turista*, Urry (1996) defende o reconhecimento do caráter visual do turismo e o impacto dos diversos olhares sobre lugares particulares, incluindo os serviços que são oferecidos. Por outro lado, Abram e Waldren (1997) ressaltam que o encontro entre turistas e populações locais ocasiona experiências corporais e sensações que estão além do olhar, abrangendo todos os sentidos.

Tendo como pano de fundo essas questões, passei a fazer o levantamento de locais a serem observados tanto em Lisboa como em outras regiões do país. Usei materiais disponibilizados na internet, por meio de sites públicos e de instituições privadas, assim como mapas. Também segui a literatura sobre lugares turísticos no litoral, como os trabalhos sobre Nazaré (Eugene Mendonsa, 1982; Christine Escallier 1999), que já conhecia pela literatura.

Em Lisboa, primeiro circulei pelos lugares mais frequentados nos roteiros turísticos. Definia o roteiro de acordo com as características de uma determinada área, podendo iniciar em uma praça e tomar uma das amplas avenidas que levam ao rio Tejo ou me deslocar para um dos bairros tradicionais da cidade e conhecê-lo. Nesse momento, fiz tanto o exercício de “observação flutuante”, deixando-me levar pelo campo e os acontecimentos, como tentei perceber os modos de construção de “lugares imaginados” (Maria Cardeira da Silva, 2004) por meio de mapas, catálogos, panfletos direcionados para turistas/visitantes com indicações de passeios etc. Ao mesmo tempo, também criei meus próprios roteiros ao sair dos circuitos mais frequentados que não faziam parte dos folhetos. Além das caminhadas, fiz uso de diversos meios de transporte, como ônibus, bondes, metrô e trem, descendo em diferentes estações para conhecer a cidade. Preferia

usar ônibus, bondes e trens porque tinha uma visão panorâmica dos bairros ou cidades adjacentes.

Em relação a como se inserir no campo de pesquisa, o fato de ser estrangeira me propiciou certo conforto para circular pelos lugares sem que a observação fosse questionada ou vista como estranha. Nos lugares turísticos, havia uma diversidade de sujeitos que normalmente já eram lugar-comum nesses ambientes. Assim como os turistas e visitantes, era mais uma pessoa na multidão. Em alguns lugares, como no Algarve, ao sul de Portugal, senti-me também invisível ao circular sozinha nos lugares preferenciais de turistas estrangeiros.

Outra estratégia era conhecer mercados públicos ou feiras, onde, dependendo do bairro, encontram-se mais residentes do que turistas. Para conhecer esses lugares, não circulava apenas pelos bairros mais próximos e conhecidos, optava por aqueles próximos da minha casa ou onde encontraria mercados maiores, shoppings etc.

Em relação aos bairros tradicionais, pautei-me pelas considerações de Brito (2003, p. 46), que afirma: “Bairros ou partes da cidade têm histórias sociais e de desenvolvimento urbano muito distintas que se reforçam por setores de atividade que lhes estão associados, população que os habita, marcas urbanísticas ou arquitetônicas ou configuração topográfica.” Em Lisboa, foi relativamente fácil observar essas características dos bairros, como em Alfama, com sua arquitetura histórica e vielas sinuosas, ou na Graça, com seus prédios históricos requalificados, onde permaneci por um período na casa de Maria Manuel. No meu local de moradia, Campo Grande, e nos bairros adjacentes, um maior número de prédios construídos em décadas recentes, largas avenidas, em uma versão mais moderna da cidade.

Nas áreas turísticas do Centro Histórico, percorri desde suas grandes avenidas, como a Avenida da Liberdade, acessando a Praça dos Restauradores, a Praça do Rossio, a Praça da Figueira e a Praça do Comércio, lugares de grande frequência de pessoas de fora. Caminhava por esses locais em diferentes horários do dia, observando a circulação das pessoas, a característica das ruas. A área do Rossio era minha preferida devido à presença de

moradores de Lisboa, que, em grupos, bebiam, conversavam, reuniam-se. A frequência da população negra chamava atenção com suas vestimentas coloridas e encontros em pequenos grupos, mas que pareciam comunicar-se entre si. Poderia pensar como o pedaço negro do centro de Lisboa, nos termos de José Guilherme Magnani (2008).

Também foi nessa área da Baixa que observei as torcidas estrangeiras durante o Campeonato Europeu de Futebol (Euro 2004), especialmente a inglesa, que circulava e consumia cerveja em copos de um litro, como mostraram a mim e meu companheiro em um restaurante que frequentávamos naquela região, indicando que ficavam guardados à espera desses turistas. Nesse período, ao circular sozinha, passei pela experiência de estar no metrô quando um grande grupo de torcedores ingleses adentrou a estação de forma bastante barulhenta e forte. Mais uma vez, foi um momento de sentir-me invisível.

O campeonato de futebol que acompanhei a partir das ruas, junto com outros eventos, foi um dos marcadores do grande crescimento que as atividades turísticas apresentaram nos primeiros anos de 2000 em Lisboa. Baixinho (2008, p. 2), ao abordar o turismo de cruzeiros em Lisboa, observou as campanhas de exaltação da cidade no verão de 2004:

Nesse Verão, Lisboa vivia a euforia do Campeonato Europeu de Futebol (o Euro 2004) e o período final da Presidência da Câmara Municipal por Pedro Santana Lopes, pródigo em propaganda positiva sobre a cidade. Foi o período dos mega-outdoors, com slogans como: “Lisboa, capital do turismo: número recorde de cruzeiros”; “Lisboa está em todas”; “Bem-vindo a Lisboa. Capital do rock e do futebol”; “Linda para se ver. Assim é Lisboa”; etc., [...].

Recentemente, a Câmara Municipal de Lisboa elaborou o Estudo Urbanístico do Turismo em Lisboa, no qual são apresentados dados sobre algumas características do turismo na cidade. O estudo informa que, enquanto a ocupação fixa de residentes tem decaído, a população flutuante teve um

crescimento significativo a partir de 2012, e o número de dormidas tem crescido anualmente, sendo um dos maiores na Europa.¹¹³ Segundo o relatório, Lisboa tem acompanhado uma tendência mundial de crescimento turístico.

Desloquei-me também para outros municípios da região metropolitana de Lisboa, como Almada, do outro lado do rio Tejo, que tem o Santuário Nacional de Cristo Rei, com uma estátua posicionada de frente para Lisboa, sendo apresentado como local turístico, um miradouro, uma oportunidade de ver Lisboa de outro ângulo. Estive também em Sintra, que integra um circuito turístico juntamente com Cascais e Lisboa, com motivos de atração que são complementares, como observa Moreira (2004). Segundo a autora, que pesquisou sobre turismo e gastronomia em Sintra, a busca por “sol e praia” é um dos motivos que atraem visitantes para a área costeira de Cascais, assim como o patrimônio paisagístico e histórico-arquitetônico. Sintra, por sua vez, destaca-se por esse patrimônio, que pode ser acessado em uma visita rápida, uma vez que se constitui em uma área de pequeno porte (Moreira, 2004).

Ainda próximo, estive em Leiria para visitar o casal de amigos brasileiros que nos levou para as cidades de Cascais, Nazaré e Fátima (Santuário de Nossa Senhora de Fátima). O município de Nazaré, que faz parte do distrito de Leiria, tinha um significado especial para mim, pois havia lido os trabalhos de Mendonsa (1982) e Escallier (1999). Essa autora descreveu o papel das mulheres nesse universo, observando a importância das “mulheres dos *chambres*”, que criaram um mercado não oficial de hospedagem turística que concorre

¹¹³ Agradeço à Caroline de Almeida, que relatou sua experiência em Portugal em 2017 e as transformações que a cidade de Lisboa viveu, chamando minha atenção para a centralidade do país como destino turístico na Europa. À Carmen Rial, pela referência ao mercado não legalizado de oferta turística e a importância da plataforma Airbnb atualmente, o que fica em aberto para uma futura pesquisa.

com os demais.¹¹⁴ Desde a década de 1970, as mulheres começaram a oferecer “*chambres*” (quartos, em francês) em locais de passagem dos turistas, como na avenida beira-mar ou no terminal de ônibus.

Do mesmo modo que observei em bairros litorâneos de Florianópolis, os moradores locais alugam a sua própria habitação, o que faz com que “as famílias amontoam-se num compartimento da casa para alugar os outros, ou vão morar na cabana do pescador onde fica armazenado o material de pesca, as salmouras e o peixe” (Escallier, 1999, p.302). Em Nazaré, as mulheres me ofereceram também um quarto, me fazendo reviver o campo no Brasil, com a diferença de que em Florianópolis são os homens que geralmente vão às ruas.

Situação próxima vivenciei quando estive no Algarve, ao sul de Portugal. Na região, viajei primeiramente até Albufeira (para ver o turismo direcionado aos ingleses), e depois para Faro, cidade central na região, tanto em termos geográficos como administrativos e de serviços. Ali permaneci por alguns dias, circulando pelas praias.

Uma das situações inusitadas vivida enquanto pesquisadora aconteceu em Faro, quando tentei jantar em um restaurante indiano. Sentar-me à mesa sozinha já foi um desafio, porque a preferência, como percebi, era para as famílias, que, obviamente, consumiam mais. Houve demora no meu atendimento, e ao tentar pedir a comida, resultou em um prato nada interessante e bem diferente do excelente jantar que compartilhei com Maria Manuel em um restaurante indiano em Lisboa. Passei por situação semelhante em Florianópolis, durante minha pesquisa de campo, ao tentar comer nos restaurantes tradicionais de pescadores. Uma mulher sozinha a ocupar uma mesa para quatro pessoas e comendo pouco era alvo de olhares de estranhamento. Além disso, especialmente em Santa Catarina, os

¹¹⁴ A Câmara Municipal da Nazaré tem um “Regulamento dos alojamentos particulares” que se aplica aos estabelecimentos de hospedagem, classificados como hospedarias, casas de hóspedes e quartos particulares. O regulamento define as formas de licenciamento e de condições materiais desses estabelecimentos. Mais informações no site: www.cm-nazare.pt/Alojamento_particular.pdf

pratos não são pensados para uma pessoa, e o que mais se aproxima disso são aqueles para crianças.

Na experiência de campo realizada no sul de Portugal, realizei uma viagem com meu orientador, saindo de Faro até Vila Real de Santo Antônio, uma pequena cidade na fronteira com a Espanha, percurso que durou em torno de uma hora e quinze minutos. O trajeto foi muito interessante devido à contextualização que o professor fez em relação à ocupação daquele litoral. A maior parte da área litorânea não tem construções à beira-mar devido às suas características naturais, sendo área de proteção ambiental. Em vista disso, em termos de povoamento, sua densidade habitacional é menor do que em outras cidades do Algarve, como também na área metropolitana de Lisboa.

Em Vila Real de Santo Antônio, eu e meu orientador jantamos em um restaurante tradicional denominado “Pescador”. As mesas de madeira rústica, os objetos (louças, talheres, toalhas de mesa) apresentavam uma estética da cultura local pertencente a camadas populares e de pescadores, assim como o atendimento realizado pela família, o que me pareceu muito semelhante aos restaurantes que frequentei durante o campo em Santa Catarina, na Barra da Lagoa,¹¹⁵ Lagoa da Conceição, Canto da Lagoa e, mais recentemente, na Costa da Lagoa.¹¹⁶

Essas características estenderam-se à casa onde dormi, com um quarto, sala e cozinha, indicada pelo restaurante e pertencente a uma senhora que a alugava diretamente. Naquele momento, me senti como se estivesse na comunidade pesqueira da Barra da Lagoa, onde fiz trabalho de campo, ou na comunidade do Costa da Lagoa, em Florianópolis, onde observei atividades de pesca e turismo. Estava ali, à minha frente, uma pequena casa construída junto a outros imóveis, esteticamente muito próxima ao que observei no meu campo em termos de materiais utilizados, móveis, utensílios

¹¹⁵ Identificada como uma comunidade de pescadores, com presença de moradores “de fora” (Calderipe, 2001).

¹¹⁶ Realizei pós-doutorado no PPGAS/UFSC em 2018 com um projeto sobre práticas de pesca e geração na comunidade de pescadores da Costa da Lagoa, Florianópolis/SC.

domésticos. E, como ocorre em tantos momentos de uma pesquisa, foi “por acaso” (Peirano, 1990) que me deparei com essa situação.

O Estudo Urbanístico do Turismo em Lisboa apresenta dados sobre duas classificações de hospedagem: os Alojamentos Locais – AL, oferecidos pela população aos turistas, e os Empreendimentos Turísticos – Hotelaria. Em minha tese, pesquisei sobre a inserção das populações locais nas práticas turísticas, como o aluguel de casas construídas em um terreno comum, ao lado de suas próprias residências, e também pequenas pousadas que oferecem “quitinetes” para turistas em praias de Florianópolis/SC, o que pode ser comparado aos alojamentos locais de Lisboa. Entretanto, enquanto Lisboa tem um sistema de registro desses alojamentos, nos locais que observei, não havia essa possibilidade.

É preciso observar que, mesmo com a exigência de registro em Lisboa, não há um controle total sobre essa oferta.¹¹⁷ O registro do AL, segundo o estudo citado, é realizado *on-line* no Balcão Único Eletrônico, plataforma que sincroniza com o Registo Nacional de Alojamento Local (RNAL) do Turismo de Portugal I.P., gerando um número de registro. Esse único documento autoriza a abertura do alojamento ao público e sua divulgação. A plataforma Airbnb¹¹⁸ está incluída na oferta de alojamento local como uma das opções de acesso a esse tipo de hospedagem e torna-se uma forma de controle dessa oferta.

As informações apresentadas neste estudo em Lisboa são muito interessantes para pensar a atual participação da população local nas práticas turísticas, agora mediadas por plataformas como o Airbnb. Oportuno seria

¹¹⁷ Em 2011, havia registro de 130 estabelecimentos de alojamento local, passado para aproximadamente 14.400 em agosto de 2018, mostrando o crescimento das atividades turísticas em Lisboa, ao lado de outros indicadores, como o número de dormidas, atividades de cruzeiros no Porto de Lisboa, passageiros desembarcados no Aeroporto (Estudo Urbanístico do Turismo em Lisboa – 2018).

¹¹⁸ Criada em 2008, a plataforma gratuita Airbnb permite que as pessoas anunciem seu espaço e reservem acomodações em qualquer lugar do mundo. Ver: <https://www.airbnb.com.br/>

verificar até que ponto a inserção na plataforma coincide com os registros no município e quais são as condições dos alojamentos, considerando que a maioria deles se situa no Centro Histórico da cidade, o que pode ser uma questão a observar também no meu campo em Florianópolis.

Apontamentos finais

Propus-me, neste texto, a escrever sobre as contribuições/impactos do estágio de doutorado sanduíche realizado no ISCTE/Lisboa/Portugal. Essas contribuições passam pela vivência em outro país; pelo deslocamento epistemológico no encontro com outras antropologias; por uma formação multissituada no doutorado; e pela realização de ações que contribuem para a internacionalização na pós-graduação.

Em termos de imersão em outra cultura, apresento dados sobre minha experiência enquanto antropóloga e estrangeira. Como observa James Clifford (1995) a respeito dos sentidos da experiência, essa pode ser uma garantia da autoridade etnográfica, pois “A experiência evoca uma presença participativa, um contato sensível com o mundo a ser compreendido, uma relação de afinidade emocional com seu povo, uma concretude de percepção”. Ao mesmo tempo, o autor sugere que experiência também tem o sentido de conhecimento cumulativo e seu aprofundamento. Quanto ao primeiro sentido de experiência, sem dúvida experimentei o contato sensível com os modos de fazer turismo em diferentes lugares de Portugal. Entretanto, não fazia parte de meu projeto de pesquisa discutir isso na tese, o campo serviu como um aprofundamento de situações, percepções que vivi no campo no Brasil, e, ao olhar para essa alteridade tão próxima, me ajudou a pensar sobre turismo e como a literatura possibilitava interpretar essas práticas.

O que chamei de bastidores do estágio de doutorado não se trata apenas de um relato dos contatos e relações, da burocracia envolvida na viabilização do sanduíche ou de curiosidades sobre a imersão na cidade e vivências cotidianas. Trata-se de refletir sobre o processo de lançar-se a mundos desconhecidos e realizar um trabalho. Novamente os acasos, os

imponderáveis são parte do caminho que vamos descobrindo, especialmente quanto às pessoas e às relações que são construídas. Como relatei na introdução, todos os contatos que acionei e as pessoas que conheci em Portugal foram fundamentais, em diferentes momentos e instâncias, para a concretização das atividades. Tais situações fazem parte do campo da pesquisa, e, sem dúvida, tudo o que lemos sobre etnografias e as formas de fazer antropologia são também ferramentas utilizadas nesses momentos.

Outro aspecto significativo foi a relação linguística de familiaridade e estranheza no compartilhamento de um mesmo idioma. Enquanto falante de português, havia proximidade e um código comum, mas o vocabulário e as expressões diferentes, o ritmo e os tons da fala dificultavam a compreensão, especialmente nos primeiros meses de contato com a população local e na comunicação por telefone. Ao longo do tempo, essas diferenças ou nuances da língua foram amenizadas e superadas, permitindo uma comunicação mais qualificada.

O deslocamento epistemológico trouxe contribuições significativas à tese devido ao trânsito entre diferentes Antropologias. Lembro-me de conversar com minha orientadora sobre as bibliografias a respeito de turismo no campo da Antropologia e áreas afins e como havia um número reduzido de autoras e autores clássicos sobre o tema e o interesse tardio das Ciências Sociais em seu estudo. Em Portugal, ampliei o acesso a essa lista de autores e pude acompanhar o que a Antropologia portuguesa estava pensando sobre turismo e turistas. O deslocamento implicou em pensar e questionar as formas de olhar, sentir, aproximar-se dos fenômenos turísticos e das categorias que, muitas vezes, são naturalizadas. A Antropologia portuguesa, com trocas tão significativas com a antropologia brasileira, tem desenvolvido reflexões muito profícuas e originais para pensar as práticas turísticas (Prista, 1991, 1995; Silva, 2004; Xerardo Pereiro; Felipa Fernandes, 2015; entre outros).

O deslocamento possibilitou uma formação multissituada no doutorado, em uma universidade estrangeira, trazendo uma vivência acadêmica em um contexto cultural diferenciado, com acesso não somente à Antropologia portuguesa, mas a todas as antropologias com as quais

dialoga. É importante frisar a presença de alunas/os de graduação e pós-graduação com quem tive contato no ISCTE, especialmente africanos, que compartilhavam suas experiências e também novas formas de pensar nas Ciências Sociais.

Deslocar-me para outros terrenos também me permitiu pensar nas conexões, nas similaridades e diferenças entre a pesquisa realizada no Brasil e o que observei em Portugal. As descobertas, os dilemas e as implicações do trabalho de campo fora do país serviram como comparação para pensar sobre meu campo, assim como se busca a leitura de outras etnografias. Nesse caso, fui observar pessoalmente o que se passava nas práticas turísticas locais, especialmente nos lugares comuns de circulação da cidade, experimentando a culinária, as bebidas, frequentando bairros tradicionais, sobretudo em Lisboa, onde residi a maior parte do tempo. Além disso, circulei pelas várias regiões para observar as práticas turísticas no país. Frequentei praias, feiras, centros históricos, cidades ocupadas por turistas de determinadas nacionalidades. Também me interessava acessar seu litoral, já que estava estudando esse contexto em Florianópolis. Isso me levou a perceber as proximidades e distanciamentos em relação ao que havia observado no sul do Brasil, em Florianópolis.

O doutorado sanduíche em Portugal me fez refletir também sobre o duplo papel em campo — como antropóloga e como estrangeira. Esses papéis foram separados apenas com o intuito de localizar os diferentes momentos da experiência, pois, na prática, estão interconectados entre si. Enquanto estrangeira, poderia me ver como uma turista, pois circulei pelo país orientada por roteiros amplamente conhecidos, mas o olhar informado pela literatura me distanciou desse lugar de mera observadora sem grandes reflexões.

Enquanto política pública de Ciência, Tecnologia e Informação (CT&I) na área de educação superior, os estágios, os cursos plenos etc. no exterior foram amplamente promovidos e estimulados em décadas recentes,¹¹⁹ con-

¹¹⁹ Segundo Ferreira e Chaves (2016), a construção de um pacto nacional pela expansão da pós-graduação e o incentivo prioritário à Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) deu-se de forma objetivada nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva.

tando com diversos programas e financiamentos significativos. Porém, nos últimos cinco anos, têm sido negligenciados pelo atual governo. Essa é uma situação grave, pois o doutorado sanduíche, assim como outras formações, amplia a formação das/os estudantes e o alcance dos cursos de pós-graduação no Brasil.

O contato com diferentes tradições de conhecimento impacta diretamente a/o aluna/o e a produção realizada nos PPGs enquanto uma ação de internacionalização que, vinculada a um grupo de pesquisa e suas redes, permite ampliar o conhecimento acadêmico e somar-se na consolidação de uma política mais ampla de trocas internacionais.

Referências

ABRAM, Simone; WALDREN, Jaqueline. Introduction: Tourists and Tourism. Identifying with Peoples and Places. In: ABRAM, Simone; WALDREN, Jaqueline; MACLEOD, Donald. *Tourists and Tourism. Identifying with Peoples and Places*. Oxford: Berg, 1997, p. 1-12.

BAIXINHO, Alexandra D. *Turismo de cruzeiros em Lisboa: uma abordagem antropológica*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Urbana). Lisboa: ISCTE, 2008.

BAPTISTA, Luís Vicente. “Territórios, Imagens e Poderes”. In: CORDEIRO, Graças; BAPTISTA, Luís Vicente; COSTA, António Firmino da (Orgs.). *Etnografias urbanas*. Oeiras: Celta, 2003.

BRITO, Joaquim Pais. A cidade exposta. In: CORDEIRO, Graças; BAPTISTA, Luís Vicente; COSTA, António Firmino da (Orgs.). *Etnografias urbanas*. Oeiras: Celta, 2003.

CALDERIPE, Márcia. Mediação cultural e reciprocidade no contexto das práticas turísticas em Florianópolis/SC. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2006.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

ESCALLIER, Christine. O papel das mulheres da Nazaré na economia Haliêutica. *Etnográfica*. Lisboa, v. 3, n. 2, p. 293-308, 1999.

ESTUDO URBANÍSTICO DO TURISMO EM LISBOA. Lisboa: Câmara Municipal, 2018.

FERREIRA, Luciana R.; CHAVES, Vera Lúcia J. A pós-graduação no Brasil: interfaces entre o financiamento e a expansão. 2016. Disponível em: https://www.aforges.org/wp-content/uploads/2016/11/6-Luciana-Ferreira-et-al_A-Pos-Graduacao-no-Brasil.pdf. Acesso em: 17/07/2022.

FLEISCHER, Soraya; BONETTI, Aline. Dossiê. Etnografia arriscada: dos limites entre vicissitudes e “riscos” no fazer etnográfico contemporâneo. *Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política*. 19 (1), p. 7-17, 2010.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso NÃO é um caso. Pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 10, 1999.

FRÚGOLI JR, Heitor; ADERALDO, Guilherme A.; RODRIGUES Weslei Estradiote. Antropologia urbana (em língua) portuguesa: entrevista com Graça Índias Cordeiro. *Revista de antropologia*, 2014, v. 57 n° 2.

MARCUS, George. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multisited Ethnography. *Annual Review of Anthropology*, n. 24, p. 95-117, 1995.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp; 2008.

MENDONSA, Eugene. “Turismo e estratificação em Nazaré”. *Análise Social*, n. 71, 1982.

MOREIRA, Raquel. Queijadas de Sintra. Turismo e identidade local. In: SILVA, Maria C. (Coord.). *Outros trópicos, novos destinos turísticos, novos terrenos da Antropologia*. Lisboa: Livros horizonte, 2004, p.171-180.

ORTNER, Sherry. Subjetividade e crítica cultural. *Horizontes Antropológicos*, ano 13, n. 28, p. 375-405, 2007.

PEIRANO, Mariza. Artimanhas do acaso. *Anuário Antropológico*, 14(1), 9-21, 1990.

- PEIRANO, Mariza. A favor da Etnografia. *Série Antropologia*, n. 130, 1992.
- PEREIRO, Xerardo; FERNANDES, Felipa. Antropologia e turismo: dos trilhos, atores e espaços à genealogia da turistificação da Antropologia em Portugal. PASOS. *Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, v. 13, n. 2, p. 333-346, 2015.
- PÉTONNET, Colette. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. *Antropolítica*, n. 25, p. 99-111, 2008.
- PRISTA, Pedro. *Turismo e culturas populares no Algarve*. 1991, n.p.
- PRISTA, Pedro. Do doméstico ao caseiro. Aspectos da dominação turístico-alimentar nos campos. III *Colóquio Hispano Português de Estudos Rurais*. Vol. II, 1995.
- QUINTELA, Maria Manoel. *Curar e folgar: uma etnografia das experiências termais nas termas de São Pedro do Sul*. Lisboa: ISCTE, 1999.
- RAMIRO, Patricia A. *Antropologia e turismo: coletânea franco-brasileira*. João pessoa: Editora UFPB, 2019.
- RIAL, Carmen; GROSSI, Miriam. Vivendo em Paris: velhos e pequenos espaços numa metrópole. *Antropologia em Primeira Mão*, n. 42, 2000.
- RIAL, Carmen. Circulação de pessoas e de coisas: a internacionalização da Antropologia brasileira e seus desbravadores. In: RODRIGUES, Lea Carvalho; SILVA, Isabelle Braz Peixoto da (Orgs.). *Saberes locais, experiências transnacionais: interfaces do fazer antropológico*. Fortaleza: ABA Publicações, 2017.
- SILVA, Maria Carneira da (Coord.) *Outros trópicos, novos destinos turísticos, novos terrenos da Antropologia*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.
- URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagem nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 1996.
- VELHO, Gilberto. *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- VELHO, Gilberto. et al. (Orgs.). *Um antropólogo na cidade: ensaios de Antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.